

Metodologias CE: Teste ETAPA 1- PERGUNTA DE PARTIDA

A **pergunta** deve ser uma questão não resolvida, objeto de discussão inicial, guia do trabalho, original e deve ter uma resposta final. As **regras** baseiam-se no facto desta ser clara, exequível, concisa, pertinente, pode ser observada e experimentada, não deve referir-se a casos isolados, deve evitar casos isolados e é uma pergunta.

Etapa 2: Exploração – Leituras e entrevistas exploratórias

A **leitura** é necessária para o tema em estudo, revela qualidade da problematização e um alargamento do conhecimento e formação teórica do investigador, deve estar ligada com a PP, é preciso um cuidado com a sua dimensão, é necessário ter elementos de análise e interpretação, ler várias abordagens e finalmente, refletir sobre os diversos pontos de vista. A **entrevista** deve ser preparada e ajuda no contacto direto com a realidade. Esta **deve ser** aberta (não diretiva) /flexível, é suposto encontrar ideias/reflexões/ pistas/hipóteses para o trabalho com o que se ouve e o entrevistado deve ter um tempo para refletir e orientar as suas respostas. **Pode ser realizada a** docentes, investigadores especializados e peritos na área em estudo, a testemunhas privilegiadas e a público relacionado com o tema.

Juntamente com as leituras exploratórias, as entrevistas exploratórias constituem uma parte essencial da problemática (leitura + entrevistas = problemática).

ETAPA 3 – A PROBLEMÁTICA

Abordagem utilizada para resolver o problema colocado na PP. Passa por **dois momentos** – o balanço da fase exploratória e a problematização – O balanço relaciona-se com as diferentes abordagens encontradas do problema e a partir destas informações traçamos o nosso ponto de vista. Para elaborar a problemática há que definir o que se pretende explicar, aquilo com o qual relacionaremos e qual a sua relação da nossa perspetiva. (**Esquema conceptual**)

FRI - Revisão da literatura – **duas fases**: identificação das fontes, pesquisa de material relevante, análise, síntese e organização dos resultados e finalmente, redação desta revisão. É preciso determinar a **extensão** da revisão da literatura. Existem **estratégias de pesquisa**. Dividem-se por 3 questões e 5 etapas. **Tipologias** - conteúdo, origem e formato de apresentação.

FASE DA CONSTRUÇÃO

O modelo **constrói-se** dos conceitos para solucionar o problema e das relações que têm entre si. É necessário ter em mente **dois momentos** – a conceptualização e a **elaboração de hipóteses** – a construção/reflexão da validade de conceitos e proposições que exprimem a intuição do investigador sobre o fenómeno, respetivamente. O **conceito** é formado por dimensões variáveis – adquiridas através dos indicadores. As hipóteses estão apresentadas em qualquer trabalho de investigação científica, sendo proposições (provisórias) que preveem uma relação entre dois termos. As hipóteses devem ser formuladas partindo-se da ideia de que elas são enunciados teóricos prováveis, e que se referem a **variáveis** ou a possíveis relações entre elas. Devem ser claras e facilmente compreendidas, as noções escolhidas devem ser aplicadas com rigor, evitando-se a ambiguidade, as hipóteses devem ser verificáveis através da observação; devem fazer referência à realidade e evitar julgamentos baseados em valorizações subjetivas feitas pelo investigador, devem ser pertinentes; devem estar de acordo com as técnicas; devem estar relacionadas com uma teoria, ajudando a generalizar os resultados; devem constituir respostas prováveis ao problema que está a ser investigado. **Todas as pesquisas têm hipóteses? Não.**

FASE DA VERIFICAÇÃO

Etapa 5 - recolha de dados | etapa 6 – análise de dados | etapa 7 - conclusões

O modelo de **análise** vai ser confrontado com os factos existentes na realidade social.

Ter em conta na recolha a seleção dos campos e das pessoas, dos locais onde vai decorrer a investigação, dos tempos em que vai decorrer a investigação, dos acontecimentos/comportamentos e dos informantes.

Observação

“Ato ou efeito de observar; reflexão explicativa; consideração atenta de um facto para o conhecer melhor.” Permite a observação e registo de afirmações não verbais, de práticas rituais de cariz cultural e social, bem como da interação social verificada. É um olhar sustentado por uma questão ou suposição. O observador: “Aquele que observa; cumpridor; respeitado; crítico; sensor; curioso e espetador.” Observar desempenha um papel fulcral em qualquer metodologia de investigação. A formação do observador é um aspeto essencial para a obtenção de dados úteis e significativos.

Entrevistas: Conversação verbal entre duas pessoas - objetivo de recolher informação relevante para a investigação. O entrevistador - procurar informação completa e detalhada sobre o tópico.

Questionários servem para recolher respostas a questões, dados factuais e informação

Análise - Métodos qualitativo vs quantitativo

O Método qualitativo é indicado para as investigações que dizem respeito aos processos dos fenómenos sociais → analisam com profundidade o fenómeno, observam a partir da subjetividade dos sujeitos em causa, não descompõem a realidade social, operam por indução, dando importância ao contacto com o meio social e estudam a realidade na sua constituição espontânea (neutralidade).

O Método quantitativo utiliza-se quando se consideram investigações para captar a estrutura estática da realidade, com representatividade e para explicar essa estrutura. As investigações adaptam-se aos protocolos estabelecidos, o seu objetivo é confirmar a hipótese de partida e tratam de operar em condições controladas para garantir a sua fiabilidade.

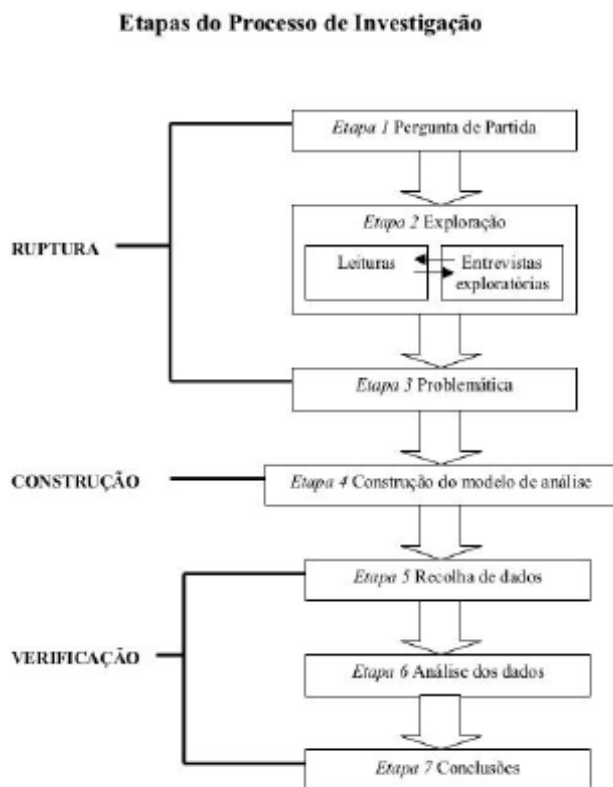
Conclusões: é suposto ganhar perspetivas metodológicas e identificar recomendações futuras.

Procedimento científico é o conjunto de ações efetuadas pelo investigador aquando faz uma investigação científica, cujo **objetivo** é descobrir respostas para problemas usando procedimentos científicos. **A investigação científica social e humana:** permite a obtenção de novos conhecimentos da realidade social. **Esta** envolve aspetos relativos ao homem (relacionamentos c/homens/instituições). **O problema do conhecimento científico:** coloca-se para os fenómenos sociais e naturais (há hipóteses teóricas que devem ser confrontadas com dados de observação ou de experimentação).

Para a confrontação ser possível: necessário desenvolver métodos

- Formas particulares do procedimento científico;
- Caminhos a seguir (operações, regras e procedimentos)

Quivy e Campenhoudt: metodologia científica percorre-se em **três momentos principais**, correspondendo a **sete etapas de realização**.



1. FASE DE RUPTURA EPISTEMOLÓGICA

1.1. PLANEAMENTO DO ESTUDO

ETAPA 1- PERGUNTA DE PARTIDA

A **pergunta** deve ser uma questão não resolvida, objeto de discussão inicial, guia do trabalho, original e deve ter uma resposta final. As **regras** baseiam-se no facto desta ser clara, exequível, concisa, pertinente, pode ser observada e experimentada, não deve referir-se a casos isolados, deve evitar casos isolados e é uma pergunta.

Etapa 2: Exploração – Leituras e entrevistas exploratórias

A **leitura** é necessária para o tema em estudo, revela qualidade da problematização e um alargamento do conhecimento e formação teórica do investigador, deve estar ligada com a PP, é preciso um cuidado com a sua dimensão, é necessário ter elementos de análise e interpretação, ler várias abordagens e finalmente, refletir sobre os diversos pontos de vista. A **entrevista** deve ser preparada e ajuda no contacto direto com a realidade. Esta **deve ser** aberta (nã diretiva) /flexível, é suposto encontrar ideias/reflexões/ pistas/hipóteses para o trabalho com o que se ouve e o entrevistado deve ter um tempo para refletir e orientar as suas respostas. **Pode ser realizada a** docentes, investigadores especializados e peritos na área em estudo, a testemunhas privilegiadas e a público relacionado com o tema.

Juntamente com as leituras exploratórias, as entrevistas exploratórias constituem uma parte essencial da problemática (leitura + entrevistas = problemática).

ETAPA 3 – A PROBLEMÁTICA

Abordagem utilizada para resolver o problema colocado na PP. Passa por **dois momentos** – o balanço da fase exploratória e a problematização – O balanço relaciona-se com as diferentes abordagens encontradas do problema e a partir destas informações traçamos o nosso ponto de vista. Para elaborar a problemática há que definir o que se pretende explicar, aquilo com o qual relacionaremos e qual a sua relação da nossa perspetiva. (**Esquema conceptual**)

1.2. FONTES E RECURSOS DE INFORMAÇÃO

Primeiramente – Definição do tema e pergunta de partida. Após isso, inicia-se a revisão da literatura.

Revisão da literatura – **duas fases**: identificação das fontes, pesquisa de material relevante, análise, síntese e organização dos resultados e finalmente, redação desta revisão. É **importante** pois é uma parte vital para o processo da investigação, é necessário a referência dos autores ao qual nos apoiamos e ainda, é preciso definir bem o problema como as ideias retiradas do tema em estudo.

Há que ter em conta a sua delimitação, a procura de novas linhas de investigação (para ter sucesso e evitar repetições), é suposto ganhar perspetivas metodológicas e identificar recomendações futuras.

É preciso determinar a **extensão** da revisão da literatura, não mencionar tudo o que lemos e ser seletivos quanto à informação mais relevante. Quando vemos sempre as mesmas referências/ atingimos o ponto de saturação e não encontramos novos resultados temos o suficiente.

Existem **estratégias de pesquisa**, como as palavras-chave (criar um título preliminar; introduzir variáveis ou conceitos e até sinónimos das ideias que procuramos) criar uma search query (relação/grupos de palavras; uso de AND/OR/NOT). Os **motores de pesquisa** são páginas na web onde podemos pesquisar esse mesmo conteúdo, ou seja, encontra os documentos que pretendemos. Há que **identificar quais as fontes relevantes da literatura** (bases de dados e indexes na área académica).

Questões

Básicas:

- Que investigação / que teorias estão relacionadas com o tópico em estudo?
- Quais as fontes para pesquisar este tópico? (livros, artigos, relatórios);
- Quais os principais autores / investigadores nesta área?
- Qual a história, desenvolvimento cronológico do tópico / problema?

Intermédias:

- De que forma o tópico ou problema foi definido?
- Quais as estruturas de referência para pesquisa e discussão deste tópico?
- Que metodologias ou pressupostos metodológicos têm sido utilizados?
- Quais os conceitos chave, variáveis ou fatores que já foram identificados?
- Quais os aspetos em que os investigadores concordam ou discordam neste tópico?
- Quais as lacunas de conhecimento, teoria ou aplicação de uma metodologia neste tópico ou área?

Avançadas:

- Que inconsistências, contradições existem no conhecimento sobre este tópico?
- Que evidências faltam, são limitadas ou inconclusivas neste tópico?
- Que abordagens alternativas existem para compreender o tópico?

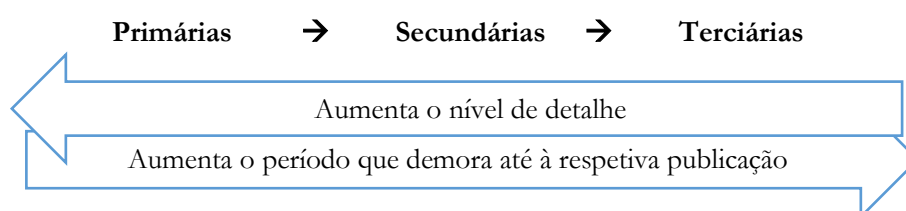
Etapas

- **Etapas 1:** Planear a revisão –a organização e planeamento da pesquisa, o armazenamento das referências
- **Etapas 2:** Identificar e avaliar estudos/referências bibliográficas relevantes.
- **Etapas 3:** Extração e síntese dos dados
- **Etapas 4:** Reportar –escrita da revisão crítica: com base em resumos analíticos de cada referência
- **Etapas 5:** Utilizar os resultados – no trabalho empírico que se seguirá.

1.3. FONTES E RECURSOS DE INFORMAÇÃO

Literacia em informação - As **competências em Literacia** em Informação tornam-se cada vez mais importantes na medida em que vivemos rodeados por oceanos de informação. **Nem toda a informação criada tem uma credibilidade idêntica:** uma pode ser produzida por entidades ou indivíduos que são especialistas no domínio (authoritative), encontrar-se atualizada e ser fiável, enquanto outra é enviesada, desatualizada, enganadora ou falsa. **A quantidade de informação disponível não para de aumentar,** em larga medida pela inexorável expansão na utilização das TIC.

Tipologias: é habitual caracterizar as FRI quanto a conteúdo, origem e formato de apresentação. Quanto ao seu **CONTEÚDO**, podemos dividi-lo em primárias, secundárias e terciárias. As **primárias:** contêm a descrição dos resultados originais da investigação e são publicadas em várias formas: Publicações periódicas, e.g. Artigos, notas ou comunicações; Atas de reuniões científicas; Teses e dissertações; As **secundárias:** são produzidas a partir das fontes primárias, sendo exemplo: Publicações periódicas, desde que incluam artigos que interpretem e comentem o conteúdo das fontes primárias [artigos de revisão (review)]; Dicionários e enciclopédias; Monografias (exceto as de ficção ou autobiografias); Livros de texto; As **terciárias:** apoiam a consulta das fontes primárias e secundárias e incluem: Obras de referência: almanaques; enciclopédias; dicionários; manuais; diretórios; anuários; catálogos; tabelas e compilações de dados; Bibliografias (por vezes também consideradas como fontes secundárias); Listas de livros; listas de publicações periódicas; listas de serviços de indexação e resumos; guias de literatura (de dada disciplina ou área do conhecimento); guias de bibliotecas e fontes de informação; guias de organizações (académicas, profissionais, etc.).



Quanto à sua **ORIGEM** podem ser **formais** quando se encontram publicadas, são do domínio público. (Impresso, em páginas web na net), **informais:** incluem contactos pessoais (colegas, clientes);

participação em reuniões científicas, feiras, exposições ou em visitas a outras empresas; no caso de informação para gestão de organizações é, importante a informação comunicada oralmente (word-of-mouth), rumores, boatos e **Institucionais** abarcam as provenientes de administração pública central, regional e local; institutos públicos; instituições do ensino superior; entidades do sistema tecnológico (laboratórios de I&D); etc.

Literatura científica e técnica: **CARACTERÍSTICAS**

Livros: publicados algum tempo após a conclusão da investigação que relatam

- **Tratados e monografias:** tratamento integral de um dado tópico
- **Livros de texto:** dão uma visão de 1 tópico/disciplina (destaque das principais ideias e autores relevantes)
- **Livros/ obras de referências:** localizam outras fontes de informação

Artigos de periódicos: fontes que contêm a informação mais atualizada sobre um dado tópico

- **Periódicos com revisão científica por pares:** avaliado c/ normas e rigor científico por pares
- **Periódicos publicados sem revisão científica:** não foram sujeitos a avaliação por pares

Relatórios: produzidos por organizações privadas → difícil acesso público; os publicados podem ser obtidos a partir da própria organização

- **Relatórios de investigação:** publicados por organizações de I&D, detalham a investigação produzida

Literatura originada em conferências: muitas das comunicações não são publicadas, mas pode obter-se os textos dos autores, solicitando-lhes

- **Atas de conferências:** comunicações apresentadas em conferências – permite o conhecimento de resultados/ debates mais atuais
- **Comunicações não publicadas:** organizadas por diversas entidades (não publicam)

Publicações oficiais incluindo as que contêm legislação e regulamentação: constitui literatura muito diversa e cuja acessibilidade é muito variada

- **Estatísticas:** periodicidade variável; existem vários dados estatísticos
- Patentes e marcas registadas (trademarks): registam (e são fonte de informação) desenvolvimentos técnicos e tecnológicos
- Normas: abordam questões científicas e técnicas

Revisões

- **Artigos de revisão sobre um dado domínio científico**
- **Recensões de livros**

Quanto ao FORMATO pode ser **Impresso:** materiais referenciados e recuperados de uma fonte impressa, documentos obtidos por impressão a pedido, manuscritos, correspondência, materiais em folha solta, **Digital:** materiais que contêm informação (esta está armazenada em formato eletrónico num disco duro ou num servidor localizado remotamente), de **Áudio/Vídeo:** materiais recolhidos usando “ferramentas” de vídeo e de áudio (depois disponíveis em DVD, videocassetes, gravações em fita, etc), **Multimédia:** materiais criados através da utilização de vários media diferentes para veicular informação (texto, áudio, gráficos, animação, vídeo e interatividade). Também se pode referir a computer media (PPT), **Microformas:** material fotografado com imagens em tamanho reduzido, visualizadas em máquinas equipadas com lentes de ampliação. São utilizadas para materiais antigos de menor utilização, mas com relevância em alguns projetos e finalmente, de **Contacto pessoal:** informações recolhidas em trocas de impressões pessoais (tlm, email)

ALGUMAS DAS FONTES MAIS PERTINENTES

1. Livros (monografias): Diversos temas e diversas tipologias;

UNESCO: para uma obra ser considerada “livro”, deverá ter no mínimo 49 páginas

- **Livros de texto** (textbooks) – Objetivo: aprendizagem dos conceitos básicos, num qualquer domínio científico; introdução a um domínio de estudo; não descrevem resultados de investigação original;
- **Manuais** (handbooks): semelhantes aos livros de texto, mas dirigidos a especialistas num dado domínio;
- **Manuais de regras e procedimentos:** regras e procedimentos relacionados com um dado domínio científico (ex: um manual sobre a utilização de um dado software.)
- Projetos de digitalização - em formato eletrónico e á escala global, especialmente obras que se encontram esgotadas e manuscritos muito antigos e valiosos: <https://www.gutenberg.org/>

2. Publicações periódicas (com particular ênfase em periódicos científicos)

Séries de publicações produzidas de forma regular e com frequência.

- Ex: diária; Semanal; Quinzenal; Trimestral; Semestral; Anual; Etc.;

Há ainda os seriados de **publicação irregular** que incluem:

- Periódicos científicos, revistas comerciais, jornais de opinião, revistas de divulgação, jornais, anuários.

Vários tipos de **publicações periódicas:**

- Ex: Periódicos científicos (academicscholarlyjournals/scientificjournals); Periódicos de opinião (currentaffairs/ opinionmagazines); Revistas para o grande público (popular magazines); Jornais (newspapers).

Os **artigos em publicações periódicas científicas**, revistas, ou jornais

- constituem a fonte de informação privilegiada
- contêm notas de pé de página e bibliografias, cuja consulta permite localizar outras fontes de informação úteis.

Artigos científicos ou artigos em publicações periódicas científicas (scholarlyjournalpaper):

- descrevem resultados da investigação
- Objeto de revisão anónima por pares;
- Publicados em algum seriado produzido de forma regular e editado por uma terceira entidade

Encontram-se, presentemente ainda, outros modelos de negócio no mercado da publicação periódica científica, nomeadamente os editores que:

- Disponibilizam, gratuitamente, aos utilizadores de uma dada biblioteca a versão eletrónica de todos os periódicos;
- Abandonaram a produção da versão impressa, facultando, apenas em formato digital

3. Atas de conferências e de outras reuniões técnico científicas

excelentes fontes de informação primária, possibilitando a utilização de canais informais para a transferência de informação, não só através da participação, como nos debates subsequentes.

4. Teses e dissertações; relatórios e working papers

- As **Teses e Dissertações** são elaboradas como parte dos requisitos exigidos pelas Universidades para a concessão de graus de pós-graduação -Doutoramento e Mestrado, respetivamente.

Localização : As **Bibliotecas das Universidades** conservam, geralmente, um exemplar das Teses e Dissertações

5. Relatórios e working papers

Incluem: relatórios de projetos de I&D, relatórios técnicos, relatórios de testes, relatórios produzidos por departamentos governamentais (investigação sob contrato);

- Contêm **informação detalhada**
- Descrevem, também, **aspetos da investigação que não produziram resultados positivos**, oferecendo explicação para os mesmos;
- **Rapidez de publicação.**
- Dinamia. Centro de estudos para a mudança socioeconómica. Lisboa: ISCTE

6. Obras de referência (e.g. Anuários, atlas e mapas; bibliografias; dicionários; diretórios; enciclopédias, thesauri, etc.)

Características

- Facultam informação introdutória a um tema que seja novo ao leitor;
- Permitem obter dados factuais e/ou informação sucinta sobre um dado assunto;
- Funcionam como “apontadores” para outras fontes de informação (FI);
- Destinam-se a ser consultadas para procura de informação específica

Tipologia

- Alguns tipos de Obras de Referência são: Atlas; Bibliografias; Biografias; Compilações de Dados: Estatísticas; físico -químicas; Dicionários; Enciclopédias; Índices; Etc.

7. Outras fontes [e.g. Publicações do oficiais (government publications)]

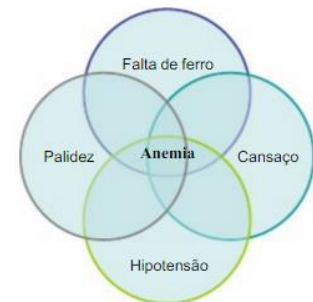
- As publicações oficiais são as produzidas por governos centrais, regionais, federais e locais (autarquias locais) e, no caso dos países da União Europeia, pela Comissão Europeia e Parlamento Europeu.
- Inclui nesta categoria também a emanada de organismos oficiais como a Organização das Nações Unidas, a OCDE, etc
- O denominador comum das publicações oficiais reside no facto de serem produzidas em resultado das atividades da administração a nível, local, regional, nacional ou internacional. Ex: Diário da República Eletrónico.

2. FASE DE CONSTRUÇÃO

A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

O **objetivo** da sua construção baseia-se na fundamentação do trabalho de recolha e análise dos dados provenientes da observação de acordo com as ideias. Estas ideias teóricas/ conceitos traduzem-se em noções operacionais. A partir da **problematização** estabelece-se as relações entre os conceitos-chave e o enquadramento dessas de acordo com a PP.

O modelo **constrói-se** dos conceitos para solucionar o problema e das relações que têm entre si. Após isto, passamos para a **elaboração das hipóteses**. É necessário ter em mente **dois momentos** – a conceptualização e a **elaboração de hipóteses** – a construção/reflexão da validade de conceitos e proposições que exprimem a intuição do investigador sobre o fenómeno, respetivamente. O **conceito** é formado por dimensões variáveis – adquiridas através dos indicadores. Ex: Doença anemia é diagnosticada através de sintomas visíveis (indicadores de doença). O conceito “anemia” pode ser determinado por: As variáveis são características apreensíveis que se atingem através do discernimento, quer mental quer perceptivo, em determinado objeto de estudo e que podem ser categorizadas em várias classes.



Género é variável pois contém 2 categorias (F/M), a idade varia ao longo de uma escala (manifesta-se c/ valores numéricos), estado civil varia entre solteiro, casado, divorciado e viúvo. O **nível escolar** varia entre **analfabeto, portador do grau do ensino primário, etc.**

Os fenómenos sociais justificam-se de acordo com **múltiplos fatores**. Podemos relacionar, por exemplo, o género, idade, o estado civil e o nível de escolaridade numa única proposição. Este tipo de proposições pode constituir uma **hipótese** complexa. **Assim, podemos considerar que, para determinado estudo, os indivíduos do sexo feminino, com mais de 50 anos de idade, com um grau de escolaridade baixo e casadas podem ter maiores probabilidades de contrair o cancro do útero.** Esta proposição, tomada em termos científicos exige que se ponha à prova a sua validade, ou seja, que seja passível de ser confirmada cientificamente.

As variáveis classificam-se por diversos critérios como, por isso podem ser **quantitativas** (medidas numericamente), **contínuas** (variáveis cujos valores podem ser fracionados dentro de um determinado intervalo (ex.: intervalo etário do 15 aos 29 anos = 15, 16, 17, ..., 29)), **independentes** (X – base dos fatores/explicam as variáveis dependentes), **dependentes** (Y – são explicadas pelas X, ex: ex.: o cancro do pulmão (Y) é mais frequente nas pessoas que têm o hábito de fumar (X)), **ordenáveis** (variáveis suscetíveis de valorização (qualitativas) de acordo com uma escala (ex.: classe

social, nível de conforto, etc.)) e **não ordenáveis** (variáveis classificadas em categorias sem qualquer diferenciação qualitativa (exemplo: sexo, idade, estado civil, etc.)).

As hipóteses estão apresentadas em qualquer trabalho de investigação científica, sendo proposições (provisórias) que preveem uma relação entre dois termos. O processo de construção das hipóteses (indutiva ou dedutivamente) está relacionado com a construção do modelo de análise. Assim, os caminhos utilizados no estudo podem distinguir-se em: **Método hipotético-indutivo**, que produz **conceitos operatórios, hipóteses empíricas** e resulta num **modelo de teórico mimético**. **Método hipotético-dedutivo**, que constrói **conceitos sistémicos, hipóteses deduzidas** e resulta num **modelo teórico no verdadeiro sentido do termo**.

Podemos resumir as implicações dos diferentes métodos de observação da realidade da seguinte forma:

Modos de abordagem do real	Conceitos	Hipótese	Modelo
Hipotético e dedutivo	Sistémico	Teórico/reduzida	Teórico
Hipotético e indutivo	Operatório	Empírica/induzida	Mimético
Senso comum	Pré-noções	Sem interesse e perigosa	Sem objeto

As hipóteses devem ser formuladas partindo-se da ideia de que elas são enunciados teóricos prováveis, e que se referem a **variáveis** ou a possíveis relações entre elas. São sugestões de respostas ao problema que está em estudo. Podem ser validadas ou refutadas. As hipóteses estão diretamente relacionadas com a pergunta de partida e devem ser testadas através da observação dos dados.

Assim, devemos considerar que as hipóteses têm duas origens possíveis, a sua elaboração deve obedecer a um conjunto de condições de fiabilidade, têm dois tipos e formulam-se tendo-se em conta algumas relações que elas têm com o objeto de estudo.

As hipóteses podem derivar da simples **observação dos factos** (origem intuitiva). Por outro lado, podem basear-se em **estudos anteriores** (leituras exploratórias). As condições de fiabilidade das hipóteses derivam da aplicação de várias regras que vão avaliar a sua pertinência.

Assim as hipóteses devem ser claras e facilmente compreendidas, as noções escolhidas devem ser aplicadas com rigor, evitando-se a ambiguidade, as hipóteses devem ser verificáveis através da observação; devem fazer referência à realidade e evitar julgamentos baseados em valorizações subjetivas feitas pelo investigador, devem ser pertinentes; devem estar de acordo com as técnicas; devem estar relacionadas com uma teoria, ajudando a generalizar os resultados; devem constituir respostas prováveis ao problema que está a ser investigado. Basicamente, uma hipótese pode ser negada de dois modos: negada empírica ou teoricamente.

- **Negação empírica:** é a que possibilita afastar uma hipótese empírica. Uma hipótese empírica é aquela que repousa em fenómenos observados e medidos.
- **Negação teórica:** é a que possibilita, por não contradição dos seus argumentos, sustentar uma afirmação. Uma hipótese teórica fixa-se fundamentalmente em documentação, interpretação de dados ou desenvolvimento de métodos.

Todas as pesquisas têm hipóteses? Não.

- Em dissertações é comum a eleição de pesquisas exploratórias a fim de apresentar uma síntese crítica de determinada teoria ou problematizar certa prática.
- A técnica típica da pesquisa exploratória é a do estudo de caso, a de observação e a de análise histórica de informações.

3. FASE DE VERIFICAÇÃO A FACTUALIDADE DA REALIDADE SOCIAL

O modelo de análise vai ser confrontado com os factos existentes na realidade social.

A etapa da observação é uma etapa intermediária, situada entre a construção dos conceitos e das hipóteses e o exame dos dados utilizados para testar estas últimas.

A SELEÇÃO DOS CAMPOS E DAS PESSOAS

É necessário circunscrever o campo de análises no espaço, geográfico e social, e no tempo.

Quando o objeto de estudo é fenómeno/acontecimento particular - campo de análise é delimitado por esse mesmo objeto de estudo. (Ex: Estudo: doente de alzheimer – este deve ser estudado num determinado local, num determinado período de tempo (inclui-se outros indivíduos/elementos: médicos, tecnologias, familiares, etc) E AINDA, **reportar a reflexões** mais **abrangentes** que investiguem sobre processos sociais de âmbito comparativo - investigador tem que **definir o seu campo de análise de acordo com a abrangência da problemática** implicada no seu modelo de análise e refletida pelas hipóteses.

Para que o trabalho de observação seja bem executado, é necessário responder-se a três perguntas fundamentais: **observar o quê? observar em quem? e observar como?** As duas primeiras questões remetem para a necessidade de se definirem os critérios de seleção tanto da unidade de estudo como da amostra (a qual se refere ou a acontecimentos ou a informantes).

A SELEÇÃO DOS LOCAIS ONDE VAI DECORRER A INVESTIGAÇÃO

- Ter em conta a facilidade de acesso aos mesmos.
- Investigador escolhe o **espaço onde sabe que pode desenvolver a sua investigação e onde poderá encontrar pessoas que cooperem com ele.**

A escolha do campo implica, por sua vez, que se negligenciem outros campos possíveis.

Segundo Spradley, a escolha do campo deve ser feita com base em cinco critérios: A **simplicidade** (escolha de um local que permita ao investigador deslocar-se do estudo de situações simples para o de situações mais complexas); A **acessibilidade** (a maior ou menor facilidade com que se entra no local); A **não intrusão** (situações que não impliquem o investigador num papel de intruso); A **permissividade** (situações que permitam ao investigador entrada livre, limitada ou restrita); A **participação** (possibilidade de o investigador participar em ações que decorrem no local).

A SELEÇÃO DOS TEMPOS EM QUE VAI DECORRER A INVESTIGAÇÃO

A seleção dos tempos da investigação torna-se importante sobretudo quando fazemos o nosso trabalho no seio de uma instituição (ex: empresas → horários/turnos) Rotinas: associadas a séries temporais (hora de entrada e saída, a hora das refeições, etc) → pautam o dia de forma rítmica. Ritmos → importantes para o investigador descobrir a lógica de funcionamento do local.

O investigador deve decidir se vai fazer uma **observação contínua ou irregular.**

- Pode escolher 1 fase temporal que se adequa melhor ao objeto de estudo do seu trabalho
- Se optar por fazer uma **observação contínua**, deve regular o seu horário, determinando as horas consoante os indicadores que ele considerar como relevantes para o estudo.
- Quer se trate de uma investigação contínua ou irregular (segmentada), é aconselhável que o investigador aponte todos os momentos que se considerem relevantes.

A SELEÇÃO DOS ACONTECIMENTOS/COMPORTAMENTOS

A unidade de estudo

- Fornece recursos fundamentais para o desenvolvimento da investigação, mas também tem limitações.
- Apenas apresenta um fragmento da totalidade da realidade social e cujo comportamento tem de ser enquadrado numa teoria de investigação, para que os indicadores que o constituem possam ser estudados de forma científica).

A **realidade social é contraditória:** o investigador deve estar precavido para o facto de não acreditar muito naquilo que lhe é dito (nem naquilo que se faz).

O investigador deve ter sempre na sua consciência o facto de aquilo que foi observado não poder servir para se retirar uma lei geral sobre a realidade social (pois que esta não é totalmente visível nem é possível de discernir a partir da extrapolação de um caso concreto para toda a realidade social.)

Quando seleccionamos o campo, definindo os espaços de observação e os tempos em que a mesma se vai desenrolar, temos que ter em conta dois elementos que estão relacionados com essa seleção:

- A **seleção dos acontecimentos** (representam a ponte entre a teoria e a realidade social)
- A **seleção dos informantes** (fornecerão as informações que enquadram a teoria na realidade social e vice-versa).

Os acontecimentos revelam-se sobretudo como os comportamentos das pessoas que estão a ser observadas. Segundo Schatzman Strauss (1973) esses comportamentos podem ser:

- Comportamentos de rotina (acontecimentos que se verificam no dia-a-dia);
- Comportamentos especiais (acontecimentos fortuitos, mas previsíveis);
- Comportamentos de crise (acontecimentos excepcionais, acidentais).

Acontecimentos de rotina

- Mais visíveis → podem induzir-nos em erro, pois consideramos que, por se tratarem de acontecimentos vulgares, não encerram neles nenhuma informação especial que mereça ser relatada (erro frequente)

Comportamentos especiais

- Articulam a realidade vivida todos os dias com a realidade simbólica que agrega um conjunto de valores de vivência em comunidade.
- São aqueles que acontecem ciclicamente e que são previsíveis (ex: natal)
- Datas comemorativas representam uma unidade simbólica entre os agentes sociais e procuram agregar os comportamentos aludindo para um conjunto de valores que identifica os grupos sociais. → vivência comum (partilha de ideias/valores)
- Todos estes acontecimentos representam marcas da vivência em sociedade e apelam, muitas das vezes, para o desempenho de atividades especiais

Comportamentos de crise

- Comportamentos imprevisíveis e refletem o modo como as instituições lidam com a imprevisibilidade e para a manifestação das características humanas menos culturalizadas. (medo e terror)

As situações dramáticas (ou situações de crise social) dão origem a mudanças nos comportamentos de rotina e mesmo nos acontecimentos especiais.

O drama social apresenta-se → unidade de estudo principal.

Não estão relacionados com as catástrofes naturais (Ex: Acidente de viação)

A SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Há que fazer uma **distinção entre a população que constitui o campo e a amostra que escolhemos para representar o mesmo.**

O problema exige, muitas vezes, que se seleccionem alguns informantes (participantes) que se destacam no seio do grupo social em estudo.

A seleção desses **informantes privilegiados** → Critérios, como a facilidade de acesso que nos dão à informação, o conhecimento que temos deles e o conhecimento que o investigador tem do campo.

Não se procura aqui atingir a representatividade, mas sim a intensidade, facilidade e qualidade das informações veiculadas pelos informantes. **Todas estas unidades constituem a população.**

Se o conjunto de indivíduos que formam uma população tem, grosso modo, características semelhantes, podemos escolher apenas uma parte da população e desenvolver aí a investigação.

Trata-se da amostra.

Como referem Quivy e Campenhoudt, depois de se ter circunscrito o campo do estudo, o investigador tem **três possibilidades**: OU recolhe dados e faz incidir as suas análises sobre a totalidade da população coberta por esse campo OU a limita a uma amostra representativa desta população OU estuda apenas alguns componentes muito típicos, ainda que não estritamente representativos, dessa população.

REPRESENTATIVIDADE: uma amostra para ser boa tem que ser representativa, ou seja, deve conter em proporção tudo o que a população possui.

IMPARCIALIDADE: Todos os elementos da população devem ter igual oportunidade de fazer parte da amostra.

Definida a população há que decidir sobre o processo a adotar na recolha dos elementos a incluir na amostra, isto é, o método de amostragem. Tais processos podem ser globalmente classificados em: **Métodos não probabilísticos ou dirigidos & Métodos probabilísticos ou aleatórios.**

MÉTODOS NÃO PROBABILÍSTICOS OU DIRIGIDOS

Baseiam-se no julgamento pessoal do investigador,

- O investigador escolhe os elementos a incluir na amostra.
- Podem levar a boas estimativas das características da população, no entanto não permitem avaliar objetivamente a precisão dos dados da amostragem e como tal as estimativas obtidas não são estatisticamente projetáveis na população.

Os métodos não aleatórios mais conhecidos são a **amostragem intencional, a amostragem por conveniência, a amostragem por quotas e a amostragem snowball (bola de neve).**

Amostragem Intencional

Tipo mais comum → investigador interessado na opinião de determinados elementos da população, mas não representativos dela (dirige-se aqueles que a seu entender exercem as funções de líderes de opinião na comunidade, pressupõe que estes têm a propriedade de influenciar a opinião dos demais, a técnica tem a sua validade dentro de um contexto específico.)

Amostragem por Conveniência

Formada de acordo a algum tipo de conveniência de quem forma a amostra ou de quem vai participar da amostra ou de ambos.

A seleção das unidades amostrais é deixada a cargo do entrevistador.

Exemplos: uso de estudantes de uma determinada escola, elementos de organizações sociais; etc

Amostragem por Quotas

Pode ser vista como uma amostragem por julgamento feita em duas fases.

- **1ª fase**: desenvolver/criar categorias de controle ou quotas dos elementos da população.
- O investigador deve listar as características de controlo relevantes e determinar a sua distribuição na população alvo. **Exemplo** de características de controlo relevantes: género, idade, raça, etc.
- **2ª fase**: os elementos da amostra são selecionados com base num julgamento ou de modo conveniente. Uma vez atribuídas as quotas, existe uma liberdade considerável na seleção dos elementos a incluir na amostra.
- **Modo de tentar obter amostras representativas de baixo custo!**

Amostragem Snowball

- Um grupo inicial de inquiridos é escolhido aleatoriamente.
- Depois do inquérito feito é pedido a cada elemento da amostra que identifique outros que pertençam à mesma população alvo de interesse.
- Os inquiridos seguintes são escolhidos com base nas referências dadas!
- Este processo pode ser repetido as vezes que forem necessárias, levando ao efeito **bola de neve**.

- Apesar da aleatoriedade da escolha dos elementos da primeira amostra a amostra final não é probabilística!
- O maior objetivo deste tipo de amostragem é “estimar” características raras na população.
Ex: Taxa de infetados com HIV na população dos toxicodependentes.

MÉTODOS PROBABILÍSTICOS OU ALEATÓRIOS

Quando cada elemento da população tem uma probabilidade conhecida de fazer parte da amostra.

- Principal característica: podem ser submetidas a tratamento estatístico, que permite compensar erros amostrais e outros aspetos relevantes para a representatividade e significância da amostra.
- Os métodos não aleatórios mais conhecidos são a **amostragem aleatória simples**, a **amostragem sistemática**, a **amostragem estratificada**, a **amostragem por conglomerados** e a **amostragem multietápica**.

Amostragem aleatória simples

Cada elemento da população tem igual probabilidade de ser selecionado, e é selecionado independentemente dos outros.

Amostra selecionada usando um processo aleatório, ex: A partir de uma tabela de números aleatórios.

Amostragem sistemática

É escolhido um ponto aleatório de partida e depois são escolhidos os casos num intervalo i ($i=N/n$) a partir do número aleatório inicial. **Exemplo:** A população tem 1000 (N) indivíduos amostra pretendida é de 100 (n). Então, o intervalo é de 10 em 10. Se o número aleatório inicial é 7, então recolho informação das observações 7, 17, 27, 37, 47, ... (de uma lista telefónica, por exemplo).

Amostragem multietápica

- Este tipo de amostragem combina várias técnicas, em duas, três, quatro ou mais etapas.
- Na realidade, a amostragem de etapas múltiplas pode ter n de degraus e utilizar, segundo a necessidade, a aleatória simples, a sistemática, por estratos e por conglomerados, todas estas técnicas ou algumas, e quantas vezes forem necessárias.

3.1. MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO Método Quantitativo e Método Qualitativo

A pesquisa encarada a partir de vários critérios:

De acordo com a sua **NATUREZA**, a pesquisa pode ser:

Fundamental: quando persegue objetivos que resultam num avanço do conhecimento científico (mesmo sem aplicação prática) - Nesta vertente o conhecimento resultante da pesquisa reveste-se de um carácter universal.

Aplicada: visa alcançar conhecimentos destinados a ter uma aplicação prática. O conhecimento resultante da pesquisa aplicada tende a ser mais contingente e localizado.

De acordo com a **PERSPETIVA DE ABORDAGEM GERAL**, a pesquisa pode ser:

Quantitativa: baseia-se em técnicas quantitativas e visa uma caracterização extensiva e generalista da realidade estudada.

Qualitativa: tem um carácter descritivo e indutivo. Baseia-se numa análise intensiva e pormenorizada da realidade estudada.

De acordo com os **OBJETIVOS**, a pesquisa pode ser:

Descritiva: quando tem por objetivo enumerar e descrever as características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis ou conceitos. Envolve o

uso de técnicas padronizadas de recolha de dados de modo a facultar um levantamento de especificidades: questionário ou observação.

Explicativa: assumindo a forma de pesquisa experimental, procura identificar os fatores que estão na origem da ocorrência de determinados fenómenos. É mais frequente no domínio das ciências naturais, baseando-se no método experimental. No campo das ciências sociais baseia-se no método observacional.

Exploratória: quando procura assegurar uma maior familiaridade com o problema de modo a torná-lo explícito ou a facilitar a elaboração de hipóteses de trabalho. Passa por realizar um levantamento bibliográfico, entrevistas exploratórias com indivíduos diretamente envolvidos em práticas que tenham a ver com o problema estudado, análise de casos exemplares que fomentem a compreensão. Assenta em Pesquisas Bibliográficas e em Estudos de Caso.

De acordo com a **PERSPETIVA DE ABORDAGEM TÉCNICA**, a pesquisa pode ser:

Bibliográfica: realizada a partir de material já publicado (livros, artigos de periódicos, material publicado na internet).

Documental: realizada a partir de materiais que não foram alvo de tratamento analítico.

Estudo de caso: baseia-se no estudo aprofundado e exaustivo de um objeto de modo a permitir o seu conhecimento pormenorizado.

Experimental: visa testar o efeito de determinadas variáveis sobre o objeto de estudo, através do seu isolamento e controlo minucioso.

Investigação-ação: A pesquisa é realizada no âmbito da resolução concreta de um problema coletivo e conta com a participação e cooperação dos investigadores.

Levantamento: exige que sejam diretamente ouvidas (por inquérito ou entrevista) os indivíduos cujos comportamentos se querem conhecer.

Observação participante: assenta na interação entre investigadores e indivíduos/comunidade estudados.

Noções básicas: **método**

Corresponde a um conjunto concertado de operações (técnicas), realizadas para atingir determinado objetivo. É o corpo de princípios que preside à investigação e permite selecionar e coordenar as técnicas.

Noções básicas: **técnicas**

Procedimentos operatórios rigorosos, bem definidos, transmissíveis e suscetíveis de ser novamente utilizados em condições semelhantes, adaptados ao tipo de problema e aos fenómenos em causa. A escolha das técnicas depende, por isso, do objetivo da investigação. A técnica está subordinada ao método e tem um carácter instrumental.

Noções básicas: **instrumentos**

Tudo aquilo que recorremos para obter dados e informações para o desenvolvimento do trabalho dependente da metodologia que utilizamos. Exemplos: entrevistas, inquéritos; experiências, etc.

Metodologia quantitativa	Metodologia qualitativa
Teoria a testar	Construção da teoria
Problema e hipóteses derivados da teoria	Busca de padrões
Conceitos e variáveis relacionados com a teoria	Categorias de dados
Recolha de dados que confirmem a teoria	Levantamento de questões
	Recolha de dados

Método **quantitativo** vs método **qualitativo**

Existem dois tipos fundamentais de métodos e técnicas: **o quantitativo e o qualitativo**.

- Quantitativo: procedimento hipotético-dedutivo ≠ qualitativo: procedimento hipotético-indutivo.

Variam na **forma de elaborar as hipóteses**:

- **Quantitativo:** as hipóteses são afirmativas se são definidas no momento de elaboração das técnicas de recolha de dados ≠ **qualitativo:** as hipóteses são interrogativas e são elaboradas depois de se levantarem os dados.

Métodos quantitativos: usam números ≠ métodos qualitativos: usam palavras

XBericat propõe um conjunto de seis dimensões que incluem as decisões mais importantes na hora de definir a orientação metodológica de uma investigação social:

As dimensões dos métodos qualitativos e dos métodos quantitativos

Método quantitativo:

- Sincronia
- Extensividade
- Objetividade
- Análise
- Dedução
- Reatividade

Método qualitativa:

- Diacronia
- Intensividade
- Subjetividade
- Síntese
- Indução
- Neutralidade

O Método qualitativo é indicado para as investigações que dizem respeito aos processos dos fenómenos sociais → analisam com profundidade o fenómeno, observam a partir da subjetividade dos sujeitos em causa, não descompõem a realidade social, operam por indução, dando importância ao contacto com o meio social e estudam a realidade na sua constituição espontânea (neutralidade).

O Método quantitativo utiliza-se quando se consideram investigações para captar a estrutura estática da realidade, com representatividade e para explicar essa estrutura. As investigações adaptam-se aos protocolos estabelecidos, o seu objetivo é confirmar a hipótese de partida e tratam de operar em condições controladas para garantir a sua fiabilidade.

As **dimensões dos métodos qualitativos e quantitativos**:

Sincronia / Diacronia: é importante definir se o objetivo da investigação é obter uma visão estática (sincronia), que refletirá o que sucede num momento determinado, ou se o que se pretende é conhecer os factos sociais numa temporalidade (diacronia).

Extensividade / Intensividade: o investigador está obrigado a delimitar o objeto de estudo. Quanto maior for a extensão do objeto de estudo menor tenderá a ser a intensividade com que o mesmo será estudado.

Objetividade / Subjetividade:

- Em ciências sociais - 2 critérios distintos: realidade e a verdade.
- Realidade → no homem existe uma realidade interior.
- A realidade subjetiva → interação social
- A realidade social exige que se conheçam as atividades das pessoas, grupos, etc.
- É importante distinguir entre a análise da conduta que se realiza pelo próprio sujeito (o qualitativo, o que pretende é ver através dos olhos do próprio agente) e a análise da sua conduta feito pelo exterior. Os inquéritos investigam através da palavra estruturada, sob a perspetiva do investigador, mas tal não quer dizer que evite a subjetividade (falácia do objetivismo).
- No estudo das ciências sociais, em que o observador e o observado partilham uma linguagem comum, em que o observado também se observa a si mesmo, a dicotomia objetividade/subjetividade é irrelevante, tanto no caso da investigação qualitativa como da investigação quantitativa.

Análise / Síntese

- A análise pode definir-se como um modo de captar a realidade que opera por meio de uma prévia decomposição para estudar as suas partes.
- A metodologia sintética opera por composição das partes, relacionando estas entre si e estudando a sua natureza em virtude da sua integração no todo, dando-lhe, assim, sentido e essência.

Partindo da perspetiva analítica, o investigador decompõe os fenómenos sociais procurando as qualidades específicas ou características puras que se lhe possam atribuir. Por exemplo, sob esta perspetiva, a natureza de um simples pau não tem resposta, tampouco podemos falar do seu

comprimento, peso, etc. Sob a perspectiva qualitativa, essa agregação não constituiria uma verdadeira síntese.

Dedução / Indução

Investigação - Dois sentidos: partir de ideias que devem confrontar-se com dados (dedução, mais própria do quantitativo), ou observar realidades empíricas que infiram ideias (indução, mais própria do qualitativo).

Reatividade / Neutralidade

A reatividade faz referência às modificações que os próprios instrumentos de medida causam nos fenómenos medidos e observados. A reatividade existe quando o investigador opera com a realidade e quando a observa. Há técnicas que provocam uma maior reatividade que outras, ou, o que é o mesmo, há algumas mais neutras que outras. A observação oculta é um exemplo claro de técnica neutral, as pessoas mudam de conduta ao sentir-se observadas.

Vantagens da investigação quantitativa

Baseia-se em valores imparciais, ou seja, valores que não são enviesados porque nada têm de senso comum e, como tal, são considerados valores fiáveis.

- É um tipo de investigação objetiva, na medida em que reflete, fielmente, a realidade, pois não sofre influência do Homem.
- Utiliza a experimentação para corroborar os factos, o que aumenta a credibilidade.
- É caracterizada pela validade e fiabilidade dos factos, daí que por norma as organizações preferam este tipo de investigação.
- O tempo de resposta é mais rápido.
- É um tipo de investigação que utiliza amostras aleatórias e, como tal, torna-se representativa.

Desvantagens

- Negligencia a construção social e cultural, na medida em que se baseia em valores rígidos.
- Ignora as diferenças entre o mundo social e natural, na medida em que desconhece emoções e sentimentos. Esta situação dificulta a análise, pois não se podem separar os factos sociais dos naturais.
- É um tipo de investigação associado ao Positivismo, uma vez que não contempla o contacto com as pessoas.
- Utiliza variáveis muitas vezes definidas de forma arbitrária e, como tal, não existe uma grande relação entre estas.

A investigação quantitativa é preferida em estudos de audiência, sondagens e inquéritos. No entanto, e em muitos casos, é necessário utilizar investigação qualitativa e quantitativa.

Vantagens e desvantagens da investigação qualitativa

Vantagens

- Maior flexibilidade, o que encoraja uma atitude inovadora da parte do investigador
- Permite identificar fenómenos e tendências não previstos e conceber teorias sobre os mesmos
- Contacto direto com o objeto de estudo, dado privilegiar a interação
- Maior compreensão do significado das ações e situações referidas pelos sujeitos, bem como dos processos que conduzem a determinados atos

- Compreensão do contexto particular em que o sujeito se move e a forma como este influencia as suas ações
- Oferece uma abordagem mais próxima da realidade, porque atende às diferenças entre o mundo natural e o mundo social, e facilita a identificação de relações causais dentro de um contexto determinado

Desvantagens

- Maior subjetividade, uma vez que é influenciada pelas opiniões do próprio investigador

- Menor fiabilidade, dado que assenta mais em descrições e narrativas do que na análise de dados estatísticos
- Em compensação, apresenta menor rigidez, porque se baseia em parâmetros menos estritos
- Maior dificuldade de «mensuração»

Em síntese, a análise qualitativa é mais adequada numa fase exploratória, em que o investigador ainda conhece mal o assunto, podendo posteriormente recorrer a métodos quantitativos para colmatar eventuais fraquezas da análise qualitativa.

3.2. Métodos de investigação

Observação

“Ato ou efeito de observar; reflexão explicativa; consideração atenta de um facto para o conhecer melhor.”

Permite a observação e registo de afirmações não verbais, de práticas rituais de cariz cultural e social, bem como da interação social verificada.

É um olhar sustentado por uma questão ou suposição.

Observador: “Aquele que observa; cumpridor; respeitado; crítico; sensor; curioso e espetador.”

Observar desempenha um papel fulcral em qualquer metodologia de investigação:

- Saber observar constitui uma etapa essencial na iniciação do investigador.
- A formação do observador é um aspeto essencial para a obtenção de dados úteis e significativos.

Vantagens

Apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem
Melhor compreensão do meio
Recolha de comportamentos e atitudes espontâneas
Colhe informação ao “não acessível”

Autenticidade relativa aos acontecimentos
Visão de factos não informados

Desvantagens

Método de recolha de dados longo
Método subjetivo
Aspetos relacionados com a ética
Exige treino

Observação direta

capta no momento os comportamentos em si mesmos, sem a mediação de qualquer documento ou testemunhos
O ato de observar é um ato aberto, surge das hipóteses que levamos para o terreno “ato **in loco** e **in vivo**”.

De acordo com a participação do observador – participante/não participante

De acordo com a estrutura da observação – estruturada/ semiestruturada/ não estruturada

Participante

- pretende estudar uma comunidade durante um longo período de tempo, participando na vida coletiva.
- Permite a interação-inserção, ou seja, a intersubjetividade-empatia ou diálogo entre dois sujeitos.
Inserção do investigador/a no grupo ou comunidade, toma parte do seu quotidiano, procura compreender o processo como insidere descrever essa experiência para os outsiders(trabalho de campo).
- É o método de recolha de dados mais utilizado na metodologia **qualitativa**.
- A observação oferece informação sobre os comportamentos dos sujeitos.

Posicionamento do investigador como observador:

- O investigador **coloca-se na posição dos observados** que fazem parte do estudo;
- O **grau** de envolvimento do investigador perante quem está a ser observado **pode variar bastante**;
- O observador pode **trabalhar a descoberto** ou pode **disfarçar** os seus **objetivos**;
- A partir de todos os dados recolhidos obtém-se informações que permite dar um sentido ao que está a ser estudado

Vantagens

Garante informação rica e profunda
Permite flexibilidade ao investigador
Contacto direto entre observador e o que é observado
Recolhem-se mais dados (podem ser mais úteis e importantes)

Desvantagens

Aumento de participação – observador pode perder a subjetividade
Presença do observador pode influenciar a situação (perdendo-se espontaneidade e rigor)

Não participante

- Não interage nem afeta de modo intencional, o objeto de observação.
- Os sujeitos não sabem que estão a ser observados

Posicionamento do investigador como observador:

- O investigador atua unicamente como espetador;
- O investigador deve abster-se de todo e qualquer contacto com os sujeitos observados;
- O investigador não deve interferir uma vez que a presença do investigador no terreno introduz neste uma série de novas relações sociais.

Vantagens

Observa-se uma situação como ela ocorre sem interferência

Desvantagens

Nem sempre são fáceis de realizar
Não se tem acesso a dados (podem ser importantes)
Não permite flexibilidade ao investigador

Observação estruturada

O observador sabe previamente o que vai observar e já organizou as categorias de observação (variáveis) de acordo com os seus objetivos de investigação;

- Cabe ao investigador manter-se o mais objetivo possível, eliminando por completo a sua influência sobre os fenómenos em estudo e limitando-se somente a descrever informações precisas sobre o facto em questão;
- Permite formar dados numéricos a partir da observação.

Observação semiestruturada

O observador tem algumas categorias de observação elaboradas, mas está aberto à formação de novas categorias decorrentes da observação.

- Requer uma prévia definição do foco de observação.
- Para recolha de dados numa investigação utiliza-se a observação estruturada ou semiestruturada

Observação não estruturada

- Simples, espontânea, informal ou não planificada;
- O observador não sabe o que procura e vai simplesmente observar para decidir o que pode ser significativo para a pesquisa;
- O observador atua como mero espetador.

Considerações éticas

Dada a sua natureza, a observação levanta questões de ordem ética a ter em conta:

- O observador invade o espaço privado e a privacidade dos observados;
- O observador trata os observados instrumentalmente
- como objetos de investigação;
- O investigar está numa posição em que pode deturpar algumas informações ou mesmo negá-las

ENTREVISTAS

Conversação verbal entre duas pessoas - objetivo de recolher informação relevante para a investigação.

O entrevistador - procurar informação completa e detalhada sobre o tópico.

Tipo de entrevistas

Entrevista pessoal
Entrevista por telefone
Entrevista focusgroup
Entrevista em profundidade
Técnicas projetivas

Podem ser:

Estruturadas (direcionadas)
Semiestruturadas
Não estruturadas (não direcionadas)

Estruturadas

- Têm objetivos de investigação específicos;
- São semelhantes a um inquérito;
- Permitem uma comparação fácil entre participantes;
- Respostas moldadas pelo investigador;

- As questões têm vocábulos fixos, normalmente por uma ordem determinada. O uso sobretudo de perguntas abertas é a principal diferença entre um questionário e uma entrevista.

Não estruturadas

- Têm uma agenda implícita;
- São semelhantes a “conversas guiadas” ou a “conversas com um objetivo”;
- As questões emergem da conversa;
- As competências estão em descobrir o momento adequado para colocar as questões.

Semiestruturadas

- Tem questões pré-determinadas, mas a ordem pode ser alterada de acordo com a percepção do entrevistador do que parece mais adequado.
- Os vocábulos das questões podem ser alterados e podem-se dar explicações; questões particulares que pareçam inapropriadas para um determinado entrevistado podem ser omitidas e outras podem ser incluídas.

Passos para desenvolver o guião

A WHO (Organização Mundial de Saúde) sugere 6 passos para desenvolver um guião de entrevista:

- Identificar tópicos e questões adequados
- Decidir sobre o nível de detalhe
- Elaborar o rascunho das questões
- Ordenar as questões
- Listar quaisquer tipos de provas e prazos
- Pilotar as questões.

Procedimentos: estabelecer relações

- A chave é assegurar que a pessoa que se vai entrevistar está à vontade.
- Como se faz isso? Diga-lhe o que está a fazer e porquê
- Peça permissão para usar o gravador / tomar notas
- Assegure confidencialidade
- Seja sensível à linguagem corporal e ao tom de voz
- Pergunte as questões menos sensíveis primeiro

Use um guião onde especifica os tópicos ou temas a cobrir pela entrevista.

- Para entrevistas estruturadas, liste as questões a perguntar.
- Para entrevistas não estruturada, este documento recorda-lhe os tópicos/aspectos a cobrir (podem não ocorrer pela mesma ordem durante a entrevista).

Para a expansão e clarificação de respostas, podem ser usadas diversas técnicas:

- Repetir o que o entrevistado disse, por outras palavras, para confirmar o sentido;
- Pedir exemplos;
- Solicitar que explicita interpretações, causas ou objetivos;
- Pedir clarificação de contradições;
- Pedir a elaboração de diagramas ou desenhos, se necessário (prever material de escrita para o efeito)

TÉCNICAS

- **Técnica das “expressões curtas”:** “compreendo”, “sim”, “estou a ver” acompanhadas pela expressão facial e gestual
- **Técnica do “espelho” ou do “eco”,** entrevistado termina a sua resposta, comum a expressão que constitua um incitamento para que este continue o seu encadeamento de ideias.
- **Técnica da “reformulação”** de uma parte da conversa, de tal modo que se volte a ela para a aprofundar;
- **Técnica das “perguntas adicionais”,** São perguntas como “porquê?”, “poderia dizer-me mais sobre isso?”
- **Técnica do “envolvimento pessoal”,** pretende um maior envolvimento pessoal: “qual é a sua opinião pessoal?”, “o que pensa sobre o assunto
- **Técnica da “repetição do tema”,** quando se está a sair do assunto em questão
- **Técnica dos “silêncios”,** levando à reflexão
- **Técnica dos “contra-exemplos”,** Por exemplo, a uma resposta como “um polícia prende ladrões”, perguntar “e não ajuda um cego a atravessar a rua?”.
- **Técnica da “autoridade”,** o entrevistador cita alegações pretensamente proferidas sobre especialistas no assunto em questão, para verificar o grau de segurança com que o entrevistado defende os seus pontos de vista sem se intimidar.

- **Técnica da “incompreensão voluntária”**, o entrevistador se coloca numa situação de não perceber ou conhecer o que o entrevistado refere, pedindo-lhe para lhe explicar melhor: “importa-se de me explicar melhor?”.
- **Técnica da “revisão da entrevista”**, em que se lê em algumas das respostas ou se efectua uma audição parcial da gravação da entrevista, solicitando ao entrevistado que aprofunde e dê mais pormenores sobre aquelas questões.

Conclusão da entrevista:

Terminar no mesmo ambiente.

Pequena revisão das respostas dadas e a conclusão geral a que se chegou, pedindo-se a aprovação do entrevistado

ENTREVISTA EM GRUPO

- realização de **entrevistas em grupo** no âmbito da técnica de **focus group** - implica a constituição de pequenos grupos de interlocutores privilegiados que se reúnem periodicamente para debater um tema em profundidade.

ENTREVISTA PESSOAL

- Forma de comunicação entre o entrevistador e o entrevistado.
- Normalmente é realizada de forma planeada - designada de “entrevista estruturada”.

ENTREVISTA POR TELEFONE

- A recolha de informação através do telefone designa-se por **entrevista telefónica**.
- A combinação de telefone e computador tornou esta modalidade ainda mais popular.

ENTREVISTA FOCUS GROUP

Características

Constituído por **8 -12 membros** (geralmente pagos) → **Grupo homogéneo** em termos de dados demográficos e fatores socioeconómicos, mas **pontos de vista heterogéneos** e existe **experiência** relacionada com o **produto** ou **questão a ser discutida**. A **sessão é de hora e meia a 2 horas**. Existência de um **líder** (moderador e qualificado). A **conversa** pode ser **gravada em áudio ou vídeo** ou podem ser **tomadas notas**.

Vantagens:

- | | |
|------------------|--|
| ▪ Sinergismo | ▪ Serendipidade (Coisa descoberta por acaso) |
| ▪ Snowballing | ▪ Especialização |
| ▪ Estimulação | ▪ Escrutínio científico |
| ▪ Segurança | ▪ Estrutura |
| ▪ Espontaneidade | ▪ Velocidade |

Compreender consumidores: Perceções, opiniões e comportamentos relativos a produtos e serviços

Planeamento de produto: Conceção de ideias sobre novos produtos

Publicidade: Desenvolver conceitos criativos e material de copy

Questões-chave

- | | |
|---|--|
| ▪ São números pequenos, não aleatórios, não são estatisticamente válidos | ▪ Cuidado com as relações de poder |
| ▪ Os focus groups dão muito trabalho | ▪ Processo para conduzir focus group |
| ▪ Pode obter insights através dos grupos focais que não pode obter de outras formas | ▪ Planeamento |
| ▪ Conheça os seus limites | ▪ Recrutamento |
| | ▪ Moderação |
| | ▪ Análise e interpretação dos resultados |

Vantagens

- | | |
|---|---|
| ▪ Riqueza de dados | ▪ O envolvimento direto de gestores (vivacidade) |
| ▪ Versatilidade | ▪ Facilmente compreensível |
| ▪ Capacidade de estudar entrevistados especiais | ▪ Flexibilidade na abordagem de tópicos |
| ▪ Crianças | ▪ Pode descobrir ideias inesperadas que são importantes |
| ▪ Profissionais (médicos, advogados) | ▪ Pode definir constructos de importância |

- Ligação com consumidores / pessoas reais
- Pode mostrar-lhes projetos, tê-los a experimentar protótipos
- Sinergia de grupo

Inconvenientes

- Falta de generalização (pequeno tamanho da amostra)
- Enviesamento de alta seleção
- Pode ser indevidamente utilizado
- Os grupos focais não são um substituto para a pesquisa quantitativa
- Sujeito a interpretação
- O custo por entrevistado é alto (em comparação com a pesquisa)
- Resultados dependentes da habilidade do moderador na gestão do grupo e análise
- Pode ser a resposta no momento -que podem mudar ao longo do tempo
- Personalidades fortes são um perigo
- "Entrevistados profissionais"
- Entrevista sem profundidade
- As entrevistas sem profundidade são entrevistas não diretas na sua natureza, onde o respondente tem liberdade para responder dentro dos limites do tópico em análise.

As entrevistas em profundidade são uma conversa com um objetivo –uma conversa entre investigador e informante, que se foca na percepção do informante sobre ele próprio, na sua vida, experiência e que é expressada pelas suas próprias palavras.

Técnicas projetivas - Apresentação de um objeto ambíguo e não estruturado, atividade ou pessoa que o respondente tem que explicar ou interpretar. Nas técnicas projetivas os respondentes têm de interpretar o comportamento de outros e, indiretamente, revelam o seu comportamento numa situação semelhante.

- **Teste de associação de palavras:** apresenta-se uma lista de palavras aos respondentes, uma de cada vez e pede-se para eles responderem de imediato com a primeira coisa que lhes vem à cabeça
- **Teste do desenho de balões (CloudPicture):** mostram-se 2 ou mais personagens a conversar mas com os balões do diálogo deixados vazios. Estes terão de ser preenchidos pelos respondentes de acordo com a sua interpretação do que o outro personagem está a dizer
- **Teste de completar frases:** Similar ao teste de associação de palavras mas em vez de palavras, é uma frase que é deixada incompleta e que o respondente tem que completar com a primeira coisa que lhe vem à mente
- **Teste de completar histórias:** semelhante ao anterior mas agora trata-se de completar histórias.

Tipos de questões – Grau de focalização

- **Questões de “grand-tour” (perspetiva geral):** Pode-me descrever genericamente o edifício? | Para que serve esta sala? Estas questões permitem ter uma visão geral do quadro que se pretende obter
- **Questões específicas** “Por favor diga-me mais sobre...”
- **Totalmente aberta** “O que sente sobre...” Usadas para descobrir as percepções do respondente sobre uma situação. Permite que o participantes interpretem as questões. Permite que novas questões possam ser colocadas.
- **Questões fechadas** “Concorda com a ideia de que...”

QUESTIONÁRIOS

O que é? Um instrumento (formulário) para:

- Recolher respostas a questões
- Recolher dados factuais
- Recolher informação ou medidas
- Série de questões / itens escritos numa ordem fixa, racional.
- Conjunto de questões desenhadas para gerar informação estatística para responder aos objectivos de investigação.

Porquê usar um questionário? **Um questionário bem feito:**

- Ajuda a fornecer informação relevante e fidedigna à questão de investigação.
- Minimiza potenciais fontes de enviesamento.

- Tem mais probabilidade de ser completado.

Vantagens dos questionários

Podem chegar a um grande número de pessoas de forma fácil e económica
Fornecer respostas quantificáveis
Relativamente fáceis de analisar

Inconvenientes dos questionários

Fornecem um conhecimento limitado do problema.
As respostas são limitadas.
Por vezes não se fazem as perguntas corretas.
As respostas podem variar.
Má compreensão / interpretação da pergunta.
Preciso acertar logo da primeira vez.
Difícil de obter respostas que falem (questionários em branco ou incompletos)

Tipos de questionários

- Frente a frente
- Telefone
- Administrados pelo entrevistador
- Bypost
- E-mail/Internet
- Autoadministrados

Auto administrados (à distância)

Vantagens

Baratos e fáceis de administrar
Preserva a confidencialidade / anonimato
Completado de acordo com a conveniência do respondente
Não influencia do entrevistador

Desvantagens

Taxa de resposta baixa
Questões podem ser mal interpretadas
Não há controlo por parte do entrevistador

Questionário administrado pelo entrevistador (frente a frente)

Vantagens

Participação de pessoas com baixa literacia
Clarificação de ambiguidades
Respostas rápidas

Desvantagens

Possível enviesamento do entrevistado
Necessário mais recursos
Só é possível com questionários curtos / pequenos (em particular ao telefone)
Mais difícil para temas mais sensíveis

4. ESTRUTURAÇÃO E ELABORAÇÃO DE TRABALHOS ESCRITOS PLÁGIO E CITAÇÕES

PLÁGIO O QUE É?

Apropriação indevida da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria da mesma sem dizer quem é o autor original

OUTRAS FORMAS DE PLÁGIO:

- Pedir a alguém que faça o trabalho por si ou utilizar o trabalho de outrem como se fosse seu.
- Apresentar o mesmo trabalho em várias cadeiras.
- Descarregar ou comprar um trabalho através da web.

Plágio: porque ocorre?

- Muita gente não sabe o que é o plágio
- Criou-se o mito de que “tudo o que está na Internet é do domínio público, por isso, pode ser copiado sem citar a fonte”
- Muitos sabem o que é mas não consideram errado
- Copiar um trabalho parece a forma mais simples de lidar com várias avaliações seguidas
- Retirar as referências do trabalho ou discurso de terceiros
- Peça copiada de alguém e apresentada como sendo do próprio; usar as palavras ou ideias de alguém como se fossem do próprio
- Reprodução do trabalho, ideias ou criação de outrem sem a atribuição dos respetivos créditos

Plagiador: alguém que usa as palavras e ideias de outras pessoas como se fossem dela própria

Plagiado: copiado e passado como se fosse do próprio

Detetor de plágio: instrumentos

- Doc cop
- CopyScape
- CopyCath

Como se deteta o plágio?

- Diferentes estilos de referência
- Falta de citações ao longo do trabalho
- Formatação invulgar
- Fontes antigas
- Diferentes estilos de escrita

Botelho (2007) e os tipos de plágio:

- Direto: ato de copiar uma fonte, palavra por palavra, sem fazer referência
- Empréstimo: ato de usar o trabalho de outros, sem a identificação do autor
- Mosaico: ato de mudar algumas palavras dos parágrafos, sem identificar o autor

TIPOS

Não se citam fontes:

- “o escritor fantasma”: usar o trabalho de outrem
- “a fotocópia”: copiar partes significativas de um texto
- “o artigo potluck”: copiar de várias fontes
- “o disfarce pobre”: altera a aparência do artigo, mudando palavras e frases chave
- “o trabalho do preguiçoso”: parafrasear várias fontes
- “o autoladrão”: pede “emprestado” o seu trabalho anterior

Quando se citam fontes, mas continua a ser plágio:

- “a nota de pé de página esquecida”: esquece-se da localização da fonte
- “o enganador”: quando dá informação errada das fontes
- “a paráfrase demasiado perfeita”: não coloca entre aspas o texto copiado;
- “the resourceful citer”: o artigo não contém trabalho original
- “o crime perfeito”: parafraseia outros argumentos sem referência

NC State University

- “Plágio de copiar colar”: copiar frases/partes significativas sem usar aspas ou identificar a fonte
- “Plágio de palavra-chave! copiar frases, mudando apenas algumas palavras
- “Plágio de estilo”: o que está a copiar é o estilo
- “Plágio de metáfora”: pode-se usar a metáfora do autor, mas identifica-lo (estilo próprio)
- “Plágio de ideias”: se um autor/fonte expressar uma ideia/etc → deve estar atribuída ao autor

Harris: plágio – diversas formas:

- Descarregar artigos disponíveis da internet
- Comprar um artigo a partir de um site
- Copiar um artigo da web ou de uma base de dados eletrónica, contendo informação científica
- Copiar um artigo de uma outra fonte
- Copiar e colar de várias fontes
- Citar o autor original por menos palavras do que aquelas que verdadeiramente foram copiadas
- Falhar uma citação

Transcrição: cópia idêntica à fonte original. Nas transcrições as frases têm que coincidir integralmente com o original e os autores têm de ser citados.

Paráfrase: converter uma passagem de um trabalho original em palavras nossas. No entanto, é necessário citar o autor do texto.

Finalmente, faz-se um **sumário:** exprime por palavras próprias apenas as ideias principais de uma fonte original.

A utilização de citações, paráfrases e transcrições é importante na escrita académica:

- Aumento de credibilidade;
- Referir trabalho em que se encontra a origem do que se está a produzir

- Apresentar exemplos de vários pontos de vista
- Alertar para a posição com a qual se pretende concordar/discordar
- Pôr em evidência uma frase/ passagem em particular

Evitar o plágio, segundo Bryman e Bell

- Não incluir largas secções de texto sem pôr em evidência, tratarem-se de citações/ não
- Tornar claro se o texto do documento é da verdadeira autoria de quem o escreve
- Ter cuidado (transcrições) de indentar o texto citado
- Não apresentar ideias dos outros como se fossem suas

De acordo com Botelho:

- Tempo - Reservar tempo para pesquisar, escrever e rever o trabalho
- Bibliografia - Fazer sempre uma síntese das leituras efetuadas
- Normas técnicas – Recorrer a um guia de documentação (regras para referências bibliográficas)
- Ajuda - Professores especialistas em redação e metodologia científica que podem ajudar
- Confiança – cada pessoa deve acreditar no seu potencial e trabalhar arduamente

Encarar a investigação como um processo e não como um produto (foco na aprendizagem e na gestão do tempo)

- Pesquisar apenas fontes fidedignas -autores especialistas na área curricular (repositórios institucionais, revistas científicas, artigos científicos...)
- Escolher textos atuais
- Construir a bibliografia (completa) logo no início e falar com o professor sobre as razões da escolha dessas fontes (fazer uma bibliografia anotada)
- Fazer 1 pequeno resumo de cada artigo a ser utilizado (1 página com as ideias principais)
- Construir 1 plano de trabalho
- Perguntar ao professor qual a norma bibliográfica a utilizar para construir as citações e as referências bibliográficas/escolher uma norma e usar sempre a mesma

Conhecimento comum

Informações que são consideradas “conhecimento comum” não necessitam ser citadas (fatos ou datas que são conhecidos por muitas pessoas e cujo conteúdo pode ser encontrado em diversas fontes) Ex: Fernando Pessoa nasceu em 1888; Lisboa é a capital de Portugal)

Citar e parafrasear - de forma a evitar o plágio deve citar ou parafrasear as suas fontes.